

*Discurso na cerimônia de sanção da  
lei que cria a região integrada do  
Distrito Federal e Entorno*

**PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 19 DE FEVEREIRO DE 1998**

*Senhor Ministro Iris Rezende; Senhores Governadores de Goiás e do Distrito Federal; Senhor Líder do Governo no Congresso; Senhor Deputado Relator Benedito Domingos; Senhores Prefeitos, Vice-Prefeitos e Vereadores do Entorno; Senhoras e Senhores,*

Na verdade, teria pouco a acrescentar, a não ser os agradecimentos às palavras generosas do Ministro Iris Rezende. Mas gostaria, também, de juntar a minha voz àquela do Ministro e à de todos os senhores e senhoras, no sentido de dizer que, efetivamente, esta lei é um passo importante para que nós possamos mudar a qualidade de relacionamento administrativo e, posteriormente, a qualidade de vida da região do Entorno de Brasília.

Esta lei foi objeto de ampla discussão no Congresso. Já aqui foram mencionados pelo Ministro Iris o Senador Arruda, o Deputado Augusto Carvalho e o Deputado Benedito Domingos, que foi o relator. Houve muito debate e ela significa, realmente, um começo de reorganização do espaço ao redor de Brasília.

Eu me recordo – já que o Ministro Iris puxou pela memória – de que, há algum tempo, quando recebi, no Palácio da Alvorada, o Doutor Enrique Iglesias, que é amigo de muitos de nós e é o Presidente do BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento, lá estava o Senador Arruda, que conversou com o Doutor Iglesias. E o Presidente do BID disse: “Bom, mas como é que nós poderemos fazer alguma coisa, se não existe um instrumento, se não existe uma organização político-administrativa que permita uma ação?”

Isso, provavelmente, motivou o Senador Arruda, como já havia motivado o Ministro Iris Rezende e os demais representantes de Brasília, para que se instituisse um princípio organizatório, para permitir uma ação coordenada que melhorasse a qualidade de vida.

Quero lhes dizer que, para mim, é uma grande satisfação ter firmado esta lei. Acho que Brasília tem, para nós todos, brasileiros, um significado extraordinário. Já desde o seu início, ela inspirou a famosa frase do então Ministro da Cultura da França, André Malraux, quando esteve aqui. Ele disse que era a “Capital da Esperança”, ao ver o desenho de Brasília aqui, naquilo que era, então, uma região ainda bastante desértica do Planalto Central.

Mas tenho uma razão muito especial, e todos os brasileiros temos, pela afeição a Brasília: é que, se forem verificar os livros históricos, verão que um bisavô meu, bisavô paterno, participou da Missão Cruls, que demarcou a região de Brasília, no século XIX, para vir a ser a capital do Brasil. De modo que, se outras razões não tivesse, tenho também uma razão de cunho até pessoal para ter um carinho por Brasília.

E o Ministro Iris disse, de maneira direta, aquilo que é verdade: o Entorno de Brasília, em muitos pontos, é uma região desolada, é uma região de carência, é uma região na qual somente a imprevidência de todos nós permitiu que houvesse um acúmulo de problemas e de pessoas, sem que houvesse condições, ainda, para que essas pessoas, realmente, pudessem viver aí.

Só que isso é inevitável, porque o pólo de atração de Brasília existe e ele é forte. Queiramos ou não, haverá uma busca por Brasília, para se

encontrar um lugar em que os brasileiros que para aqui se dirigem possam habitar e possam trabalhar.

Acho que, agora, dispondo deste instrumento, nós podemos começar a pensar num planejamento integrado. E podemos começar a pensar com o espírito que preside esta reunião. Aqui, hoje, nós temos governadores e prefeitos de vários partidos. O Governador Cristovam Buarque pode dar o testemunho dele de que, no Governo da República, nunca encontrou senão tentativa de apoio para tudo que fosse bom para o povo de Brasília, sem discriminação.

Acredito que, na nova fase do Brasil, nós precisamos buscar, quando se trata de assuntos de interesse da população, o entrosamento. A busca dos vários níveis de entrosamento: os prefeitos, a Câmara, o Governador do Distrito Federal, os Governadores de Goiás e de Minas, que, aliás, não têm faltado nesta matéria –, o Congresso Nacional e a Presidência da República.

Porque a tarefa é muito grande e, se não houver um espírito efetivo de construção de um Brasil novo, nós não vamos fazer aquilo que temos que fazer. E o desafio lançado pelo Ministro Iris Rezende, de que nós possamos marcar uma nova etapa de Brasília dando atenção ao Entorno, será frustrado pela incapacidade isolada, de cada um de nós, de atender aos objetivos, que são objetivos comuns de todos nós.

E aqui há uma situação que toda a gente sabe, que se dramatiza mais, que é a questão de emprego. Brasília não é uma cidade industrializada, nem deve ser. Brasília é uma cidade de serviços. Nós sabemos que, crescentemente, no mundo moderno, os serviços é que vão se expandir, muito mais do que as indústrias. Mas os serviços requerem treinamento, requerem mão-de-obra mais qualificada. E nós não vamos conseguir resolver as questões de desemprego do presente, e muito menos do futuro, se nós não fizermos um enorme esforço educacional e um enorme esforço de treinamento das pessoas, para que essas pessoas possam ter ofícios compatíveis com o modo de o mundo atual produzir e se desenvolver.

Então, nós vamos precisar jogar nesse esforço comum os recursos disponíveis para melhorar a qualidade da mão-de-obra e a qualidade

de vida das populações. Às vezes, pode-se pensar que não, mas há recursos. O Fundo de Amparo ao Trabalhador – o Governador sabe, os Governadores sabem – existe, está sendo usado e pode ser mais bem usado em programas de treinamento e de qualificação de mão-de-obra. Nós podemos examinar mecanismos de agilização de programas de construção de vivenda, programas de construção de casa.

Nós estamos começando a encarar, no Brasil, uma situação nova, na qual a infra-estrutura está se modernizando. As carências energéticas vão diminuir. Goiás é um exemplo disso, com a ação enérgica do seu Governador, que avançou nos processos de geração de energia. E nós estamos jogando recursos nessa geração, como estamos fazendo, mais em cima, em Tocantins, e não é só o setor público que está fazendo, mas o setor privado também está atuando nessa matéria.

Nós podemos – e basta andar um pouco em volta de Brasília para verificar que já existe uma outra atividade, que talvez não tenha sido pensada, inicialmente, com o ímpeto que tem hoje, que é a atividade agrícola, de produção de verduras, de legumes e, quem sabe, de frutas, para abastecer a Capital –, uma vez organizados os assentamentos, de maneira mais competitiva e mais racional, nós podemos também oferecer empregos.

Mas tudo isso requer planejamento. Tudo isso requer convergência de esforços. Tudo isso requer que tenhamos uma visão de grandeza e entendamos, por consequência, que é preciso não apenas colocar recursos, mas saber onde colocar esses recursos e fazer com que esses recursos se multipliquem, para que as pessoas possam ter uma condição de vida melhor.

Espero que, a partir desta lei, com o entusiasmo dos presentes aqui, com a disposição política de, efetivamente, olharmos para o Entorno de Brasília, nós tenhamos a capacidade também de transformar tudo isso em planos viáveis.

Mencionei, no início – e já vou terminar, porque não quero cansá-los – uma conversa do Senador Arruda com o Presidente do BID. O Governador Cristovam e o Governador Maguito conhecem bem o Presidente do BID. Virá aqui, dentro de poucos dias. Em março, vou ter

uma reunião com ele. É uma oportunidade para chamar a atenção dele novamente e dizer: olhe, nós, hoje, dispomos de um instrumento. Por que não fazemos um programa sustentado com o apoio do Banco Interamericano de Desenvolvimento, para gerar emprego, gerar condições de vida melhor para essa população do Entorno, criar uma rede de abastecimento de água mais efetiva, se é que existe, porque, em muitos pontos, nem isso existe, ampliar a oferta de eletricidade? Acredito que nós temos, aí, o desafio e a condição para começarmos a, realmente, atuar de maneira efetiva e racional, para melhorar a vida da população do Entorno de Brasília.

Digo isso com muita confiança. Acho que nós estamos vivendo um momento do Brasil em que as coisas estão acontecendo, em que este país está se modificando, país com muitos problemas, porque não há como negá-los, mas com uma vontade firme – e o Presidente expressa essa vontade – de seguir no rumo correto. E o rumo correto é trabalho, é decência, é olhar para quem precisa. E quem precisa são, exatamente, esses milhares de pessoas mencionadas pelo Ministro Iris Rezende, que não têm ainda condições dignas nem de trabalho, nem de sobrevivência, que estão, até certo ponto, abandonadas ao redor da capital do Brasil.

E o Brasil não pode olhar a sua capital ser sitiada pela pobreza. Tem que olhar a sua capital como um ímã que atrai não a pobreza, mas a esperança de uma vida melhor.

Muito obrigado.

